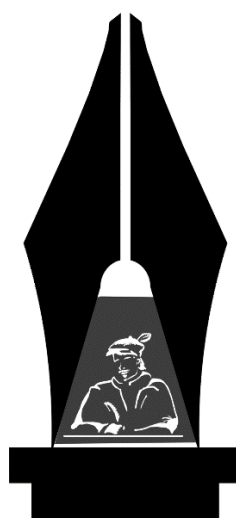


6º Prémio Internacional



PENA DE OURO

— 2025 —

SEMIFINALISTAS *do*
Prémio Internacional
PENA DE OURO
do ano de
2025

— Categoria POEMA —

[caixa de fotografias]

Denise Ranieri

I

o ray ban do tio Darci
a Sandra atrás da roseira
as férias em Poços de Caldas
e uma ilusão desfeita

a maior piscina do mundo
agora:
uma *regan* de dois mil litros.

o barbeiro vizinho
que matou-se enforcado –
as mães evitavam o assunto perto das crianças
mas foi nosso tema preferido
durante o verão de 86
(empatava com a brincadeira do copo).

Josué de mãos dadas comigo
meu irmão de uniforme marrom
nosso pai assoviando um hino da igreja
um jardim japonês

uma melissinha transparente
a gorda de maiô no acampamento
as noivas que pediam ao meu pai:
o senhor me leva na igreja de del-rey?

o documento de transferência da linha telefônica

– quatro cinco dois dois cinco meia cinco –

para a irmã mais velha

e um tempo em que

alugava-se telefones.

a prima Vera sorrindo tímida

o casamento da irmã do meio

até a febre que tive

na última noite dela em casa

estava lá ainda,

encaixotadinha.

II

Ela

raramente

aparece

sorrindo

nas fotos depois de 83.

que eu saiba

não era contra

as *Diretas Já*

nem simpatizava

com o Figueiredo.

a cara amarrada

em alguma lembrança,

dizem,

era culpa do primeiro marido

que parecia o Elvis.

depois que ele morreu,
desconfio,
Ela fez um juramento:
só caso de novo se for feio!

dito e feito
casou-se com meu pai
um baiano magrela
com orelhas de abano.

mas com o tempo
ele foi ficando
tão bonito
até passaram a reparar
que tinha olhos azuis.

A Mudez de Pátroclo (ou Mundo Como Cenotáfio)

Felipe de Abreu Fortaleza

e ele, o Pelida, buscou no cadáver
sem voz, em que as crias de mosca brotavam
— mas não enxergou a seu Pátroclo amável

então o buscou no terror das escravas
que tanto choravam areia nas tendas
— mas não encontrou seu parceiro de clava

então o buscou na visão das sirenas,
que o nome e a ruína cantavam do amigo
— mas não encontrou seu irmão de contendias

e pôs-se a buscar no melhor dos abrigos,
nos braços de Tétis, na mãe de sua alma
— mas nada encontrou no vazio repulsivo

e pôs-se a buscar na virtude da calma,
na face de Palas, nascida em razão
— mas só bronze frio encontrou de suas armas

por dias buscou nas memórias de amor,
nos vastos espólios partidos a dois
— mas, morta, a lembrança era pútrida flor

por noites buscou nas palavras de adeus,
no santo silêncio, no império do ar
— e lá não o viu, nem então, nem depois

no vão entre os passos buscou, no trotar

de suas parelhas, no cheiro das piras,
no nuncio das almas caídas — no mar

mas só encontrou-o na flecha de Páris,
na imitação de outro morto a tombar,
na queda de si como queda de vários,

nos ossos que a sorte tratou de apagar

A pedra e as plumas rupestres do silêncio

Celso José Cirilo

Antes que fosse o Homem,
era o indizível
e, angular, a Pedra que primeiro o pariu;
introversa, oclusivamente desvozeada:

Psiiu... Não acorde a palavra!
Tão fundos e calmos
os olhos embebidos
de vazio primal.

Tão casta e absoluta
a mansidão em câmera lenta
do pensamento ainda não
encarnado no mundo.

Tão causal e vanguardista
o que flui
da Pedra ao Cosmo;

a latência sossegada
e imune aos riscos de onomatopeização,
do gérmen da palavra,
deitado na terra, mudo,
sob os auspícios de uma parábola,
à espera do tempo do propósito.

Sagrado o silêncio (lírica a palavra!).
Nítidos, o girassol e o meu pasmo.
Bendita a pedra que sustém
nos interstícios da sua carnadura arquetípica,

as plumas rupestres do silêncio nostrático.

No espelho, eu sou a pedra;
autobiográfica,
a mesma matéria,
sedenta de silêncios e sentidos
e a Pedra; ela, uma metáfora
exausta de sentidos e silêncios.

Escutar as suas diretrizes,
a sua resistência inaugural e indolente,
o rompante explosivo da primeira palavra
e depois, a diáspora letal do seu verbo
sobre o silêncio devastado-devastador.

Flagrar os olhos que imóveis
entre tantas e tantas páginas de silêncios fossilizados
sem encontrar a materialidade necessária
para pautar a disrupção,
o que não se narra
e o eco da palavra na eclosão do mundo.

Viver é protocolar, nesta manhã tão quieta,
a retórica insonora de um finíssimo silêncio-pedra,
desbastar este mais um dia,
dar-lhe uma substância vocálica.
E depois deixá-la tremulando como fosse
uma borboleta vibrante e interminável
tropeçando entre memórias ancestrais
e mil silêncios visíveis a olho nu.

A travessia

Alex Pereira Ramos

No barco raso, o passo escasso do sol traça
reflexo no braço da água, e o menino disfarça
um riso que enlaça o sonho e o casco que balança,
no silêncio da garça que dança, e avança sem pressa.

Remo em punho, punha o olhar na curva líquida.
Sob a luz, lânguida, deitava-se nas costelas do rio.
O menino esguio moldava a hora mítica e íntima,
vendo garças como lâminas brancas bailarem em trio.

Tocavam o bico na beira deste tempo, em ciclo,
e cada mergulho rasgava o destino feito de seda.
Ria, o menino, por dentro de um riso oblíquo,
achando em cada asa uma vida que se enreda.

O céu derrama a brasa do ardor do dia.
A tarde desce — promessa que o rio tece e esquece.
A ave que poussa parece reza, ou mente prece,
tocando com o bico o umbigo nu da correnteza.

Sonhava em ser garça-gente, sem espinha ou linha,
que despenca do céu e invade o chão água.
Escrevia com o olhar uma linha que não se alinha
e via nas penas o mapa coeso da imensidão.

Que nunca encontre a desgraça — ave de bico torvo e
asa falsa — que promete céu, mas semeia ruína.
Siga sonhando como garça genuína e que seu voo franco
seja verbo; a queda, nada além duma página em branco.

A última chama

Gabriela Melo

Em seus olhos, a chama ardia, inextinta,
mas o tempo, cruel, desvelou a verdade:
não só o mundo, mas a si mesmo, ela afligia,
consumindo-o em sua própria intensidade.

Entre os escombros da alma, um novo trilho,
o destino, enfim, se fez manifesto.
Não mais herói, nem salvador, um exílio,
só a estrela caída, um brilho modesto.

Antes de deus, um homem, com um anseio:
restaurar o que o mundo, vil, lhe roubara.
Julgou que a dor alheia em si teria freio,
mas a dor de todos nele se espelhara.

Como um abismo que a alma consumia,
refletindo o universo em sua vastidão.
O corpo humano, a essência esvaecia,
compreendendo a única salvação:

A destruição do todo, o fim, a quimera.
Em cada passo, a escuridão o abraçava.
Qual deus sombrio, sabia: não houvera
retorno; a perda, sem volta, o arrastava.

Seu sacrifício, embora em dor se erguesse,
era a prova de uma fé que ainda existia.
Não foi o mundo que com um golpe perecesse,
mas o que em sua própria alma jazia.

Adão

Paulo Akira Nakazato

Havia, na conformação esférica,
curvas temporais, tão cheias,
que desenhavam o primeiro seio
em que pousei
um primitivo desejo.

Vale de volumosas ancas –
meu polegar tocava-lhe o ânus
entre firmes nádegas;
os outros dedos,
nos ombros desterrados.

Pele vermelha de seda aquosa
– precipício de uma boca aberta –
alastrando-se em divino oceano
de suores, peixes
e moluscos marinhos.

O que esperava então dos golpes?
Abrir-lhe a carne branca dos sonhos
e semear nela mil redemoinhos?
Falsa serpente
em frutíferas sementes?

O cheiro de doçura nos incisivos,
o sumo do sexo nas mordeduras,
a textura de úmida areia na língua
estruturavam o mundo
e, nele, o raso e o profundo.

Nenhuma polpa, que dê conta
do incômodo de um corpo antigo,
faz-me ver o que há em seu ventre;
sigo míope e ignorante,
mais perdido do que antes.

Eu, vadio viajante entre vulvas,
vejo-a na bandeja gravitando no sol.
Fruta de infinita e eterna estatura:
calcificado abismo,
mas também meu céu.

Agonia

Flavio Zanini

Não é dor, morte nem vida
Isto que treme e não lembra
Que pensa no eu que seria
O que sinto é agonia
De planta infértil na brita
No alarme baixo em surdina
De quem teme e ousa ainda
Na ausência de fio, energia
De quem pensa por entre
Respiro, biologia
Se fosse dor ou outra coisa
O que tenho mesmo é agonia
Contorção estática
Que cava e destoa
Regurgita
Se fosse amor, paixão, ferida
Se fosse choro, desejo, caída
Fosse a saudade, melancolia
A raiva, decepção, bebida
Meus versos trocados por dias
Meus verbos malvados sem rimas
Fosse um sonho que a mão estendia
Um abraço que a mãe queria
Ou aquela detestável, ridícula
Miserável covardia
São os castelos, úmidos de sal,
Virando areia fina
O pranto visceral de quem fica
O rastro na rotina
Do arrependimento e vigília

O escuro súbito do dia
A mais querida nostalgia
Laçada com giz e cordinha
Que sinto não é dor, morte nem vida
É tudo, uma agonia
Horriavelmente junta
Parcialmente injusta
Majoritariamente muda
Num segundo que multiplica
Não disto nem daquilo
Mas toda uma só agonia.

Arquitetura da ausência

Daniel Oliveira

A arquitetura torta de Santos
imita teus passos incertos,
como se o chão recusasse o destino
e a cidade, cúmplice, te acobertasse
em cada esquina de sombra e sal.

Teu verbo, feito de vidro trincado,
ressoa tanto quanto sino na maré baixa,
não há eco que não fira,
nem silêncio que não carregue
o peso do que já não foi dito.

O Porto exala um hálito de ferrugem,
mas é no cheiro de cimento molhado
que reconheço tua ausência:
ela se infiltra como mofo nas paredes
e cresce onde a luz não alcança.

As janelas da orla, embaçadas,
não refletem o céu, mas o cansaço
de quem já viu demais e não esquece.

Aqui, até o sol parece hesitar,
só reluz o que insiste em não morrer.

Atlas dos nomes que o mar não diga

Luis Roberto Ramos

Nautas

Primeira parada: cais de pedra, musgo guardando segredos nos trilhos enferrujados.
Um trem suspira vogais como se devolvesse moedas esquecidas no fundo do mar.
A bilheteira tropeça no meu nome e o corrige com o bafo frio de um outono que não é daqui.
No crachá, o brasão derrete em rios de cobre que não chegam a lugar nenhum.
A bússola no bolso pesa como um punhado de luas apagadas.

Orla

O padeiro apaga barcos na farinha,
cada grão esculpe consoantes na porta que não se fecha.
Provo uma sílaba como quem morde gelo antes do incêndio.
O recife deslocado guarda vozes no coração das pedras,
mas há um som que só escuto quando mantenho os olhos abertos debaixo d'água,
e então sei que estou afogando no idioma errado.

Meridianos

No cartório, o carimbo fere um país que não existe,
as linhas invisíveis costuram minha garganta e apertam quando tento falar.
O relógio recua até cair no colo da infância,
e cada segundo é um peixe que escapa das mãos molhadas.
A pele carrega mapas que não aceitam passagens,
e uma cicatriz que se prolonga como fronteira até sumir no mar.

Correntes

Carrego um nome que foi dado para ser esquecido.
O sal na língua antecipa tempestades que nunca chegam,
mas é o silêncio que afunda o barco antes mesmo de zarpar.
Não há direção, apenas o corpo inclinado
para onde alguém sussurra o meu nome errado e eu respondo

como uma oração em dialeto de náufrago.

Sílabas

O porteiro segura a chave como se fosse um pássaro prestes a morrer de sede.

A maçaneta gira sozinha, reconhecendo um gesto que não é meu.

Entro sorrindo com todos os dentes para não perder nenhuma vogal.

Na mesa, o sal derrama pequenos ossos de luz,

e percebo que sempre estive traduzindo minha própria vida.

E caminho sem mapa, carregando um nome que, por erro ou milagre,

é o único que me resta —

e ele arde como um farol aceso em terra que já se afundou.

Autópsia

Bernardo Barone Soares

Abri o peito
para que vissem a ferida.

Disse: "Olhem. Dói."

E todos viram.

Apontaram suas lanternas,
mediram a borda,
discutiram a origem.

Tive medo que a fechassem.
Que a curassem sem querer.

É que, toda noite,
em silêncio,
sou eu
quem mergulha o dedo,

só para ter certeza
de que ainda há algo ali.

Babaçual

Bruno Ítalo Sousa Pinto

cofo cheio de cocos frescos
o poeta colhe a fartura
ao rés do chão da capoeira

espreitando ocos e capembas
abertas nas veias feridas
das brenhas, culturas e corpos

flagra na sina que rasteja
o ouro do arco-íris que deita
no courocéu da tijubina

o toar dos tocs na tapera
embala a sombra esganiçada
do totem sertanejo em riste

o poeta, pedra na mão
insiste em libertar o verbo
do casco duro da quimera

enquanto a alta palmeira rela
a cumeeira do céu tão triste
em seu falso azul de perdão

finda a lida, apurada a cura
o poeta deita a casca oca
e levanta a lâmina rara

com golpes rápidos, certos
talha a língua do antigo veio

e rasga a malha

da mortalha

Capítulos finais

Mauro André Oliveira

O sol há muito tempo já nasceu.
A noite logo cai. Seja bem-vinda!
Enquanto o tempo faz-se estrada infinda,
desfaz-se numa curva um sonho meu.

E a vida que a manhã me prometeu
(qual lua cheia: clara, intensa e linda),
nas páginas do acaso segue ainda
traçando minha história envolta em breu.

Mas neste livro que o destino escreve,
eu vivo cada linha. E por ser breve
a trama, e seus parágrafos pequenos,

bem sei que nos capítulos finais
a cada dia a vida vale mais,
porque a cada dia resta menos.

Como sombra

Clélio Souza de Melo

morte era
uma ideia palavra
forte áspera paroxítona
de rima fácil
a cor do verso rebelde

hoje é o pão dormido no café-da-manhã
o cadarço sujo do tênis
a pasta de dente que não
caiu da escova
o até-amanhã no fim do expediente
a poeira que insiste
no sofá depois da faxina
o interfone do vizinho
a cadeira já ocupada
o cheiro do detergente neutro
a mão no bolso que
duvida da chave
aquela cerveja

a cor rendeu-se
à textura

Crises

Denilson Cardoso de Araújo

Tudo que medra.
O aço do tempo, a ferrugem dos desabamentos,
a testa que tomba da cabeça d'água,
o joelho da queda que atesta o pé de vento.
Tudo que apenas empresta paúra, detona ruína,
obstáculo mágoa desovando os estragos.
Toda repentina penúria.
Tudo que arde e se faz ruptura.
Toda sina que despenca
em dias de chumbo sem fundo.
A sede seca da garganta
de nordestina noite de cacto e pedra.
Todo fortuito e petardo, toda queimada larga
e rua escura, cada acidente
emboscado na curva e a incerteza mais gruta.
O tropeço mais árduo, o infortúnio, o abismo,
o enfarto do miocárdio.

Tudo que vira no avesso.
Rasgo de sismo, inesperado ciclone,
atropelo e braço de cruz,
aquele percalço descalço,
ao qual nunca fiz jus...
O escasso. O espesso. O cansaço.
Dor, desavença, embaraço, drama, doença
e a mais prosaica falta de luz.
Tudo que tocaia em treva calada.
O telefone cortado, o curto-circuito que entreva,
o estorvo, o susto, o que trava, o asco de ser e o
dente que nos surpreende, quebrado.

Tudo que assim desampara.
A enxurrada que vara o teto rachado,
o abuso goteira, o muro que separa e o
bombardeio da lágrima.
O súbito do corte ferrugem no arame farpado.
O grito aprisionado no pescoço rasgado,
a cara ralando no pó, o coração esmagado
o coração esmagado
esmagado
e só.

Como Jó.
Solitário e desfilhado, com sua lepra miséria
e seu gado abolido,
seus amigos tortos e a mulher que duvida.

É nesta altura que grita pra cozinha,
assim, distraída,
a Crise, essa Filha antiga de Deus,
incompreendida velha de face louca
e olho grave, mas que é, ao mesmo tempo,
avó miúda e rouca, e de colo quente, suave:

– *Esperança, minha filha, te avizinha
e traz cá aquelas tuas lâmpadas
de alumiar essa varanda...*

Então, do insuportável,
recebo o fio de ouro do sol
cujos alvíos, pela Graça Divina, mereço
e, finalmente, aniquilo a dor que,
como um rato se esgueirando
em meu peito, me rói.

E com o embornal dourado
de gênesis frescos e frascos começos,
amanheço.

Amanheço!

Crises.

Tantas tive, tanto amargo bebi...

Como um apóstolo que cai do cavalo em cegueira
e preso na treva naufraga, dura universidade aprendi.

Quando trava, é que flui,

quando dói, é que eu cresço.

A crise me arranca pedaço, me esfarela e
a mim desconstrói.

Não adianta.

É bíblico, esse enredo.

No mais fundo, culmino.

No mais fraco, renasço.

Quando se rasga a lagoa,

há o riacho.

Com a Graça de Deus

juntando outra vez os meus cacos, declaro:

– *Ninbo da fênix é a fé,*

com seu aço!

Efeito preto e branco

Fábio Pessanha

cena I

a desilusão mais perfeita
das tragédias esperam
pelo vermelho do sangue

corta / imagem y

a cor. o preto. o branco. a juntura. a disjunção. a calefação
sobre o peito. a ternura de uma noite
num colo alheio

corta / atenção

os amores
decalcados dão margens
a um romance
ou
a uma ironia

fade out

que poderão se perder.

dilema

o personagem nascerá

inter
rompido.

enredo

uma cor em branco e preto.
a luz ilumina por descaso. o excesso
do acaso termina a insônia
de uma ficção

corta / ação

onde o preto e o branco se combinam
uma palavra poderá nascer, e esse efeito
se torna hoje – agora –
o maior dos colapsos.

um poema [tal qual sentido,
tapa ou credo] serve
para ser esquecido.

sina de um corpo
distribuído em
várias mortes

reviravolta

enquanto houver pele para o sol
enquanto existirem dissonâncias para os voos
de linguagem
haverá no firmamento a fronteira

entre

corta / cena dolorida

a linha fundamental de uma dúvida
e o dilema da luz
ao irrigar costelas frisadas
durante o calor monocromático das ruas

falha de continuidade

o tempo é decalcado para a o ritmo do crepúsculo
em que o atraso na velocidade de um aceno
ensina à fúria a metáfora dos encontros

da capo

a desilusão mais perfeita das tragédias
desespera o desvio no ataque
equipado por enjambements e fugas

o preto. o branco. a imagem. a profundidade
na idade cuja demora enquadra a engenharia de ausências

créditos finais

a projeção das margens indigna a coleção de falhas
cinzas

Evangelho apócrifo

Rafael Bán Jacobsen

I

Beije tua ausência com a boca cheia de fé.
Tua falta era um santo lascado na estante,
e eu, devoto das tuas migalhas.
Abri meus medos como se abrissem os céus,
e tu vieste, mas não com asas –
com unhas, com sede, com blasfêmia.
Havia em ti um Deus que arfava,
mas eu só queria o humano.
Quebramos promessas feito taças vazias
e, nus, erguemos um altar de ossos e gemidos.

II

Tu vieste com os pés sujos de presságios,
o corpo ainda molhado de outro batismo.
Nosso toque era ruína: desabamento manso, irreversível.
Deitei na tua mudez como se deitasse no sepulcro,
mas sonhei com tempestades, cavalos
e um anjo que me arrastava pelos cabelos
ao encontro de um milagre sujo e breve –
ressuscitar no instante do gozo.

III

Gritei teu nome até que Deus me respondesse
com o silêncio do teu corpo.
Era noite, e o quarto, um templo efêmero,
onde minha língua te procurava
entre novas promessas e suores.
Fiz da tua pele um evangelho nunca escrito
e do teu cheiro, um incenso raro que asfixiava.

Se me amas, não digas.

Morde. Rasga. Cala.

Que o amor, quando dito, é coisa de mortos.

Faces do tempo

Walter Paulo Sabella

De que porto fez-se ao largo
a nau do tempo?
Qual será seu derradeiro cais?
O tempo é rio de águas translúcidas
rumo à foz do horizonte.
É cântaro a verter, constante,
nas entranhas do nada.
Andarilho invisível, sob luz ou trevas,
dilui as próprias pegadas.
O tempo é caudal que arrasta segredos
e medos para os longes do nunca mais.
E extingue o incenso dos sonhos
como o sopro fulmina a candeia.
O tempo não se oculta no breu das grutas
ou na noite dos bosques.
Não está na ânfora que o mar
devolve à praia, na cela das torres
ou no claustro das abadias.
O tempo, que é o pássaro e o voo,
a miragem e o oásis, não se entranha
nas fendas das falésias, ou no musgo que
veste os penhascos.
Não está na sombra dos abismos
ou sob o espelho das nascentes,
mas habita os ares.
Está em toda parte.
Para que mares corre o rio do tempo?
Para que céus o levam suas asas?
E o tempo que está por vir
saberá das coisas de agora?

E o agora, de tão finito, esvaiu-se
com o som da palavra!
E se a voz a repetir, já não será o mesmo,
mas um outro tempo.
E as estrelas, desde quando estão lá?
O Tempo saberá, pois é guardião
de todos os mistérios.
E o oráculo, de que se ocuparia
se não houvesse o Tempo?
O que diria o mito
se soubesse da própria finitude?
O Tempo é boca voraz, jamais saciada.
Recobre as valas dos mortos anônimos,
enterra coroas e cetros,
aplaca a sanha dos genocidas.
Impassível, segue seu fanal e tudo devora:
o delírio dos monarcas, o zelo dos beatos,
a flama dos guerreiros.
O Tempo é artesão da vida.
Com seus dedos de milênios,
modela as obras favoritas:
a paz dos portos abandonados,
a solidão das cidades mortas,
a quietude das ermidas,
a calíça dos reinos desolados,
as cinzas dos vulcões extintos.
O Tempo não se enreda nas teias dos homens
E não o detém a muralha das cordilheiras.
Não repousa nas estâncias do infinito
Não perambula pelo ermo dos astros
Nem dormita nas fossas abissais dos mares.
De que névoas de idas eras
rompeu o milagre atroz do Tempo?
De que nascentes da amplidão

jorra o fluxo do Tempo?

Enquanto os invasores sitiam a paliçada
e os encurralados adiam a rendição;
enquanto as aves noturnas vigiam
do cimo dos minaretes, e os mártires dormem
o sono eterno na penumbra das criptas,
o Tempo segue.

Enquanto o silêncio é resposta
para a angústia dos sábios, e o felino descansa
para a caça da noite; enquanto deuses e tótems
emudecem na surdez da pedra,
infensos às romarias da fé, o Tempo não para.

Enquanto os soldados limpam o sangue
das baionetas, e o peregrino se recolhe
ao asilo da tenda; enquanto o naufrago resiste
à fúria das ondas, e o falcão corta o espaço
em direção à presa, o Tempo corre.

Enquanto os diplomatas fracassam
e os curas rezam nas aldeias; enquanto os
generais apostam os dados da morte e mãos de
rapina tomam o butim aos vencidos, o Tempo
se esvai.

O Tempo avança para sua ignota morada
enquanto as portas da Paz continuam cerradas.
Enquanto os vulcões extintos calam
suas gargantas ressequidas e, nas vísceras da
Terra, o óleo negro espera as mãos heréticas do
homem, o Tempo vai, em seu fluir de
eternidade.

Pois o tempo do Tempo é o sempre.

O Tempo é menino ou ancião?

Terá havido um dia em que o Tempo foi
criança?

Que fonte é essa de que

brotam as cascatas do Tempo?
De que santuário do infinito ele vem?
Acaso entra por uma porta secreta dos céus?
Ou por essa porta se consome?
Enquanto os ventos sopram na planura
dos campos; enquanto as garras da vida
seduzem os homens, e as dádivas da morte
o espreitam; enquanto as feras hibernam na
escuridão das furnas, e o sacre, solitário,
sobrevoa a fornalha das dunas,
o Tempo não se detém, ainda por um átimo.
Enquanto os veleiros ancorados no cais da
espera miram brisas viajeras que os levem ao
mar alto, e o diamante jaz, intocado, no negror da mina,
o Tempo lapida o mundo.
O Tempo é senhor das almas e guardião dos
corpos.
É ancestral das gerações.
Ah! As gerações! Percíveis testemunhas dos
átomos do tempo, de frações nanomilesimais de sua infinitude.

Factual

Sofia Enderle Silva

Havia uma dor grávida na estrada —
Mas não sei se era de gente.
Também não sei se era estrada...
Ou se era casa.

Sei que a criança estava nos olhos,
E que nos lábios não havia palavras.
Sei que nos olhos havia fato... não.
Talvez fosse feto — não sei, não sei...

Mas sei que havia vida.
Não no peito, mas na retina.
Sem alma, criava uma —
Do mesmo jeito que a rua cria a mulher.

E eu me pergunto se chegaram a ter pai:
A rua...
O feto factual...
A mulher...

E eu me pergunto se chegaram a ter algo.

Mas havia um feto dentro do feto:
A miséria.

Foram, nas linhas tortas de tratados

Ana de Meiros Luchtemberg

Foram, nas linhas tortas de tratados,
Autorizadas toda dor e fome;
Ali, nota, escreveram o teu nome,
Tantos cegos estão aprisionados!

E pelo bem do dente que te come,
Roubando cada chance de outros fados,
Quantos rotos sofreram sós, calados,
Vazios no peito e mais vazios no abdome?

Algemados na tinta azul de morte
A selar seu destino degradante
Mal lamentam os réus a própria sorte!

Vês horror esperando-te adiante?
Pois levanta-te agora, faz-te forte:
O amanhã será traço deste instante!

Homero

Rafael Guimarães Tavares da Silva

é meio-dia. o pescador vem vindo,
vela ao vento, mar adentro, praia
à vista. a rede aberta raspa o fundo
ignoto à cata de sustento à vida.

turistas brindam com seus *cheers* e dólares
praia afora em doces caipirinhas.
na areia brincam as crianças. dorme
um sono sossegado o cão ainda.

súbito assoma. corpo forte, os olhos
salsos por um mar de tanto sol,
salta em silêncio sobre as ondas. sus!,
tenta em vago equilíbrio o meio-dia.

de canto algum os outros correm. vêm
dar os braços à recém-nascida
jangada das entranhas desta mãe
sempre em sanha, magnânima e invencível.

a rede arrastam. pulam peixes, pedras
e outras coisas ficam no caminho.
os pescadores têm ali seus víveres:
na praia mesmo escamam e retalham

o fruto da colheita partilhada.
resto é alegria de crianças
e de cães, em disputa pelas vísceras,
cabeças, ou pedaços de corais

e conchas. uma encontra em meio às algas
algo estranhamente oval, recurvo
em suas reentrâncias, mas por fora
polido sem qualquer rugosidade.

da areia vem o pai supondo à concha
pérola gigante e valiosa.
qual nada! é casca oca e esvaziada
das espirais já mortas de um molusco.

nas mãos, contudo, da criança vive
mélica de novo: cria cor,
acorda o mar e o ritmo esquecido
em meio ao corre-corre... é meio-dia.

Identidade

Julia Mendes

*Preso à minha classe e a algumas roupas,
vou de branco pela rua cinzenta.*

Melancolias, mercadorias espreitam-me.

Devo seguir até o enjoo?

Posso, sem armas, revoltar-me?

- Carlos Drummond de Andrade

Presos na cegueira da determinação da própria forma, os sujeitos trabalham em sua autodestruição.

- Robert Kurz

I

Não sou branca.

Não sou negra.

Não sou indígena.

Nem sou o resultado da miscigenação cor-de-rosa dos povos.

Eu sou o fruto da flor do estupro da terra.

II

Não sou *playboy*.

Também não sou mais devidamente pobre.

O poder de compra da minha mãe - outrora inexistente

a impele ao espreitar coercitivo das mercadorias

e imperativamente me coloca à frente

das minhas e dos meus

na ferrenha competição por escolhas

da qual não escolhi participar.

Preso a um limbo psico-sócio-econômico
me resguardo para não esmorecer.
(eu não devia estar contente?)

III

Não sei arar a terra que me alimenta.
Mas já sei indicar
dentro das normas da ABNT
a bibliografia sobre o tema.
Não sei cantar o canto das lavadeiras,
as rezas guaranis, as ladainhas de capoeira,
os fados e modinhas portuguesas.
Mas sei de cor o pai nosso, a ave maria, o hino nacional
e o último produto da indústria cultural.

De violência em violência
os números regem minha ausência:
RG, CPF, PIS, CEP, conta corrente, *et cetera*
são pré-requisitos
primeiro, da espera
depois, do cadastro
e então, da garantia de sujeição à invisível coerção
ao direito de me escolarizar - atrás da grade de ferro
ao direito de me especializar - atrás da grade curricular
e ao direito de trabalhar - atrás da grade de papel:

moeda,
divina previdência.

IV

Não sou casada, nem tenho filha ou filho.
Mas poderia ter tido, não fosse o capital suplício.

Ter ou não ter? Eis a questão.

Não sou importante, nem sou desprezível

Tento fazer de um isso, aquilo.

Conheço muita gente

e levo poucas comigo.

V

Cai a noite e me pergunto:

O que me define, afinal?

A forma valor cindida?

As lembranças?

As utopias?

O desejo de identidade

de desejo com “o outro”?

A posição dos astros?

Os genes ancestrais?

A voz das matas?

Dos espíritos?

O espaço historicamente produzido?

A confluência disso tudo

e um pouco de feitiço?

(Onde a verde e antieuclediana orquídea?)

VI

Carrego um ódio indizível no peito

e permaneço distraidamente atenta

aos quietos chamados do mundo.

Lira lusa

Alexandre Heilbut

Abri os olhos lentamente, nem bem amanhecia.
Ainda na cama toquei-me, como tocar-me-ias.
Húmida, lânguida, em doce estro de amores,
Pus água na jarra... à espera das flores.

Serão rosas? Dálias? Um buquê de jasmim?
Pintei-me a boca em tom carmim,
Preparei o beijo aos teus sabores.
Pus água na jarra à espera das flores.

Na mesa a mesma renda estendida
Dos tempos de antes de tua ida
Aos mares de Sintra ou dos Açores.
Pus água na jarra à espera das flores.

Mas o dia se arrasta em horas vazias –
Lembranças me assolam em nostalgias.
Por que demoras a aplacar minhas dores?
Pus água na jarra à espera das flores.
Pousei meu rosto à janela... e nada:
Ninguém na colina, ninguém na estrada.
A noite me rouba dos olhos os fulgores.
Pus água na jarra à espera das flores.

Desço calma ao jardim, já é madrugada.
Colho uma rosa que dormia avermelhada,
Colho também lírios de todas as cores.
Abraço-me, enfim, livre de meus penhores.

Eis-me inteira, incólume, e por mim amada.

Pus as flores na jarra... à espera de nada.

O cubo dúbio

Alexandre Guarnieri

[1 \ 2]

[3 / 4]

[5 \ 6]

[1]

sob a sina de um *deus ex machina* [nenhuma ataraxia], a fantasmagoria de minhas próprias fatias me aterroriza: sigo sendo repartido [e apesar da geometria nas cicatrizes, tal contorcionismo severo, coercivo, nunca é arrefecido], enquanto sou ainda retorcido [horizontal-e-verticalmente/ difícilimo artifício] nos níveis cindidos do esqueleto, ao exhibi-lo;

[2]

e se as partículas me subvertem a superfície física [apenas 6 cores no xadrez de linhas-guia], regradas agora por quadrículas de acrílico, arredias, [placas de plástico escoriado] procuram em áreas, por pares igualitários, como buscariam partes monocromáticas no *design* das grades de grandes vitrais, largos mosaicos;

[3]

do tálamo da alma ao talhe destroncado [causa de lapsos, descalabro], sou transformado pelos lados em 6 álgidos

quadriláteros [parcos intervalos se
intercalam entre os adros descalibra-
dos, embaralhando pernas, braços, vér-
tebras e vasos/ o corpo em 54 peda-
ços], há algo que vai exigindo girá-
los, visando um quadro [de desagrado];

[4]

a cútis da face insolúvel [que por ora
é subterfúgio] talvez ocupe, num futuro
inútil, uma só pintura incólume; contu-
do, enquanto seguem, inexpugnáveis, su-
as nuances, quadrantes do meu sangue se
entremeiam misturando-me, sob [ou sobre]
o eixo estreito que sustém qualquer ful-
cro parcial: o áxis que cega, resseca ou
faz estáticos seus encaixes matemáticos;

[5]

vejo-me ainda sob a ameaça contínua,
que esconjuro, do carrossel de exces-
sos acelerando cada célula, e despro-
vido sobretudo do tal senso de conjun-
to, com o qual todos aqueles anéis ge-
lados/ fúlgidos (((de saturno))) se
conjugam, ressurjo contra um juízo ú-
nico, feito & múltiplo, ante a tare-
fa nefanda de algum bruxo ou demiurgo;

[6]

de fora pra dentro, da febre ao nervo,
do terreno mais próximo ao longínquo ex-
tremo, pelo centro uno [sob a tez esqua-
drinhada, de remendos, me vejo um aciden-

te topográfico tremendo], fragmentado &
ubíquo por diagnóstico clínico, manipula-
do a esmo [por decênios] e se bem me lem-
bro: excêntrico, indecifrado, quase obso-
leto, fui \ SOU \ seguirei sendo,
[esse CUBO DE RUBIK de mim mesmo.

O ouro que nas flores brindava

Daniel Genovez

A primavera desembarcou do trem vazio;
ninguém na estação era passageiro
e rangeu o trilho ao rigor do freio em desafio
além do inverno saindo aos pingos de cena.
Ele zombou de mim que a esperava plena;
bela senhora exuberante e radioativa.
A luz se transformou àquela última passagem.
Eu, um Quixote, sempre houvera de sonhar-te
mas, ela chegou da sua longa viagem:
magra, tísica, serena, enfeitada de nimbos
e envolvida pela cinza madrugada.
Ninguém a descarregar sua velha plêiade,
pesada mala de fadas para tingir as flores.

Fingiu que não viu esse rio de insatisfação
que a desdenham os vales ressequidos;
calvos campos, infértil cio da espiga de milho,
grãos secos pelo chão de outonos passados,
um pasto dizimado das paisagens videiras
a que o poeta se iludiu da última vez que veio.
E ainda faz poesia como quem espera
o suspiroso botão de rosa, flor de primavera
ainda por vir, mas tu partiste cedo
e ainda te acenava um pequeno fascínio de sol,
irradioso sobre as mudas de lírios despidos.

Os centrais da majestade ignoram o mundo
e rasgam as terras prometidas dos seus súditos.
Tremem à raiz da Terra, os seus rumores;
partiu-se em fendas, deserto e solidão.

Partiu-se o oceano que unia a tarde com a noite,
o céu largo de estrelas; partiu-se assim,
descuidosa ausência do ouro que nas flores brindava
ao seu olhar viveiro de antiga primavera.

Agora não estás mais condescendente ao ar
se tudo em volta cheira à fumaça de cedro.
Desfazem-se os sólidos de Platão, a lua de prata
à flor que cresce nas linhas desse poliedro;
ninguém a reconhece
por detrás desse dia comum.

Olga, peço contato!

Túlio Velho Barreto

Para Hilda Hilst e Olga Bilenky

Recife ...

Campinas ...

Parque Xangrilá ...

Chácara Casa do Sol

Um dia, Fazenda São José

Ontem, Hilst ...

Hoje, Bilenky ...

– Olga, peço contato!

Diante do portão

Procuro as iniciais HH e a data

Nada

O tempo para

Vejo os cães ...

Olga, o jardim, a casa ...

Os livros ...

As fotos dos amigos, amigas na parede ...

Amantes? Amantes da vida ...

Amantes em vida

Pessoas próximas, pessoas distantes ...

Pessoas que Hilda admirava, amava ...

– “O ‘Túlio’ é por causa da Hilda?”, indaga-me Olga

O tempo separa

O jardim, a casa

A figueira mágica ...

Cadê o HH 1890?

Onde os outros estão?

Os da Terra e os não?

“Kafka, você está me ouvindo?

Não deve ser fácil aí do outro lado”

Hilda também era o nome da minha avó

E Túlio foi ser-amado de Hilst,

assim nominado em alguns de seus mais belos poemas

Poemas que têm a paixão como tema

E eu, outro Túlio, estou aqui a admirar

as fotos na parede, os cães a rondar a casa ...

O seu altar, a mobília, a biblioteca ...

O quarto, a mesa de trabalho ...

As paredes da Casa do Sol

em tons de um rubro-alaranjado sol

(Ou serão, estes, outros tons?)

Aqui, estou a conversar com Olga

sobre Hilda e a sua obra

sobre tanta poesia, ficção, teatro ...

sobre os seus amigos e amigas ...

sobre a literatura que perdura ...

sobre o apaixonado poema que Drummond lhe dedicou

Sobre como Hilda me influenciou

a escrever haikais eróticos e pornográficos

(Mas também “poemas sérios”)

Aqui, estou a sorver um café na cozinha
em torno da longa mesa de madeira,
que nossa conversa prolonga
Sabe-se lá quantos cafés e sonhos
foram compartilhados e curtidos
em torno dessa longa mesa de madeira ...
(Tantos, tantos ... suponho)

Olga me conta como Hilda conheceu 'Nani'
Prometo enviar-lhe *O corpo descoberto*,
que Olga desconhece

Olga não vive sozinha

Sim, ainda aqui, na cozinha,
tem-se a sensação que Hilda,
Dante, Mora Fuentes ... lhe fazem companhia
(Nos fazem companhia)

A tarde tarda. O tempo passa

São quase cinco horas
Ainda completamente absorto
me despeço de Olga, de Dante, Mora Fuentes ...
E da puritana e obscena Senhora H

(Se é por causa dela que não se chama mais poeta de poetisa,
por que, então, ficar besta se lhe entendem?)

– Hilda, você está me ouvindo?
Talvez não seja tão difícil viver aí em Marduk!

O tempo tudo repara

E, ainda que se negue, o tempo segue
E sigo com a sensação de que voltarei um dia
(Em silêncio fiz esse pedido sob a figueira)

Agora, vou-me embora, quando passadas horas
me chega esse poema ...

De onde?
Não sei, se tantas podem ser as fontes ...

Mas é apenas ao escrevê-lo que me dou conta:
Em todo o tempo em que ali permaneci,
Hilda estava a nos ver através dos olhos do cão que a casa ronda ...

Pingos

Paulo Ludmer

O fim da vida ainda é vida,
o vento insone ronca, atemoriza poeiras.
Goteja mel no lago das lembranças.
Dissipa ritos, afetos e arpejos.
Mistérios montam guarda nos cumes.

A terra se curva à chuva,
o mar se acalma distraído.
O estio advém no incontável acaso.
Um rádio velho, no fundo do tablado,
entoa a relação entre as coisas.

O coro dos contrários se resolve,
maçãs intactas, serpentes singrando.
O tempo quântico a morder costelas
a rodopiar almas asselvajadas
pelo sol e sal da escrita.

Empuxos tricotam a natureza,
loucura, raiva, ternura,
a poesia a vadiar desengavetada do efêmero.
Vitórias recrutam derrotas nos linfomas do orgulho,
maceram-se no monjolo da melancolia.

Úlceras saem do casulo pelo acostamento,
acendem sentimentos nas franjas da neblina,
sublimam o naufrágio de acasos.
Liberdades peregrinam sem modos
na aridez das trilhas, na crueza das conformidades.

Fantasma orquestram versões da verdade,
troçam da empáfia das certezas,
assombram sem dar conta de tudo.
No papel, alinhavam sangue e ideias,
aporias, ambivalência e impossibilidade.

Pingos na terra vasculham brincadeiras,
regam lindezas, sonhos de tremelicar.
Afluem em chafarizes de verbos,
chumaços de palavras pardas.
Enrodilham vírgulas para depois do fim.

Porque o homem a pariu

Maria Iris Lo-Buono Moreira

ela acorda descalça e despida de ontem
rasgos de lago fundo fazem sombra nos olhos
desobrigada, à larga com o dia e a noite
dá trela pra vidraça sem cortina
um vento desocupado reclama atenção
ela se serve descalça e despida de ontem

cama revolta, surfa no mar alto a noite preta
desenconcha a pérola presa: a maria, a mariana, a marinês
um mar de mulheres jorrando
palavras de hálito ácido no desacato
leite de mãe na boca de todo homem parido
um suor anistiado da noite preta de ontem

não sabe das horas, nem das letras, bônus ou rendimentos
ela adormece desafoçada de águas
a maria é posseira de si e o mar acaricia todas as outras
o mar lambe as feridas com sal
ela consente desbotada de nódoas
sem salvas, reservas ou ressalvas

que um mateus embale a mãe que pariu: a maria, a mariana, a marinês
e elas acordem descalças de horas e de contas nas costas
e adormeçam sem fome e sem favores.

Se todo homem foi parido por uma mãe, por que a xingam tanto?

Salvamento

Rafael Bán Jacobsen

Porque o mundo se repete em gestos —
as chaves, as contas, o ruído das lojas,
os dias empilhados em páginas rasas —
é preciso cuspir fogo nas palavras,
erguer um templo de bacantes
onde a vida se faz areia fina.

Porque a cidade se deita sob vapores e néons,
porque os sonhos mofam nas bocas emudecidas,
porque as manhãs cheiram a pálido pão,
é preciso abrir feridas para os deuses lamberem,
lançar línguas de vidro que cortem o silêncio,
rasgar a pele do tempo com versos.

Porque o corpo é um vaso rachado,
porque o tédio escoia pelas frestas
e as palavras dormem em livros fechados,
é preciso dançar de olhos bem abertos,
bordar no escuro as tramas da fúria
e invocar a febre clandestina do poema.

Haverá, em tão poucas linhas,
furor, lâmina e delírio suficientes
para salvar um homem?

Sete cantos

Marco Antonio da Rocha Pimentel

I

Como a nascente
que mingua
cessando de ser afluenta
dos grandes caminhos hídricos
que ao mar aberto
se lançam
os mais ardentes afetos
de brotar também se cansam

II

já não se avistam as miragens
que duplicavam horizontes
antes que as guerras
de imagens
proliferassem as pastagens
secando terras
e fontes

III

Reza a lenda
que não chove
porque deixou-se de crer
na estrela matutina
e no boto que a engravida
via graça concedida
à lírica rosa
dos ventos
pela onírica prosa
dos anos mil e nove

centos

IV

Se não nos leva a corrente
qualquer sonho
de chegada
é pomo que não se alcança
e ocorre
que não se morre
de tédio amor ou labuta
mas sim de desesperança

V

Quem nos dera
a Virgem Madre
que um santo dia
chova
como se um Deus houvera
uma chuva libertina
sobre o híbrido
projeto
de primavera e deserto
da nossa incerta
existência
e a água torrente
mova
a mágoa da impermanência
que a consciência
nos gera

VI

Por uma triste ironia
o ser que
inventou o tempo

não sabe sequer das cheias
que transbordavam das ânforas
nem do seu poder de cura
 não tendo por que
 viver se
 o rio que navegara
 não conhece mais
 perder-se
no encontro das Iaras
 e o sonho
 que acalentara
não corre mais para o delta
levado que foi pela usura

VII

E às colônias
de algas trânsfugas
que lhe vedam a embocadura
 o rio a secar indaga
 com timidez de menina
 ecoando a humana saga
 - se o mar
 não é mais minha sina
viver com o que se paga?
 amar a que se destina?

Silenciar

Danielly Mezzari

O silêncio
risco impossível
desejo impensável
que gesta uma escuta

Inscribo
porque no dito não cabe
o que na escrita se amplia
e escrevendo se esvai

Em silêncio
porque meu corpo é pequeno
para abrigar as palavras
que no traçado me traem

O silêncio
inscrevo
em silêncio

Sobre a poça

Pedro Moura Reis

- E se Deus fosse uma poça?
Pisada, rendida, esquecida e Surrada!
E ainda assim seria Deus
E Ainda assim seria água parada

E se acaso poça fosse Deus,
Quem sabe o homem não enxergaria a graça?
Mas nem se Deus fosse lagoa!
Humano não reza olhando pra baixo,
.. pra nada!

E essa é a ironia do espelho d'agua
O Ego não fala, se destaca
Já que poça não responde palavra
Deus vira reflexo dessa criatura inacabada

Minha crítica pode ser o pior:
Não tem lugar de fala!
Eu também pulo poça,
E pra água nunca rezei nada

- Ave Maria!
Que meia mais encharcada.

Sombra da árvore

César Henrique de Paula Borralho

Senhor do tempo e do mistério,
que sonda a pena dos que choram,
olhai por este órfão, velho e imaturo,
cujos próprios passos ignora.

Não me faltou o amor, e sim o gesto;
nem o afeto, mas a presença que guiava,
quando em tua face tão sofrida se traçava
o presságio da minha bússola partida.

A alvorada inclina a fronte pálida,
vacila a luz na retina já cansada.
Despedidas são lágrimas caladas,
desenham no ar a rota adormecida.

Guardião das sendas mais ocultas,
mestre da cruz e do ofício sagrado,
que a prece me envolva em teu manto
quando o luto me for demasiado.

Sê minha luz nas horas derradeiras,
quando a saudade, em sombras, se agiganta.
Dá-me a paz que só os justos reconhecem,
a fé sem nome e a força que me espanta.

Ensina-me a orar na dura ausência,
vivendo em honra o nome que carrego,
a não trair o tempo que me resta,
com gestos vãos, coração menor que o ego.

Mostra-me, Presença silenciosa,
que no silêncio há força recolhida.
É a dor o peso que gira a roda
e liberta o embrião da nova vida.

E quando enfim o pranto se fizer brisa
e a lembrança repousar como um véu,
que eu possa crer, com alma redimida,
que no luto também habita o céu.

Tribunal das águas

Renato Luiz Barbosa

Desci a sós, no ocaso, à margem fria,
Com passos nus e o peito penitente;
E do mar, amplo, antigo e reverente,
A espuma, qual sudário, me encobria.

Não emitui sentença ou profecia,
Mas sua voz, sem voz, falou-me ardente:
“Não foge, réu, da face onisciente
que, do alto, em mim se espelha, e em ti confia.”

Então compreendi, sem norma ou rito,
Que o mar não julga: apenas nos revela
A face que escondemos do infinito.

E ao vê-la, sem rosto e entanto, bela,
soube: a maré não dita um veredito,
Apenas nos devolve o que desvela.